



Escola Engenheiro Millet – pioneira em Tamandaré, Pernambuco, Brasil

Engineer Millet School - pioneer in Tamandaré, Pernambuco, Brazil

Página | 930

Maria do Carmo Ferrão Santos⁽¹⁾

⁽¹⁾Bacharelado em Ciências Biológicas (UFRPE) e Licenciatura em Biologia (UFPE). Mestrado e Doutorado em Oceanografia Biológica (UFPE). Professora. Pesquisadora de temas históricos sobre Tamandaré. Acadêmica efetiva e fundadora da Academia Tamandareense de Letras e Artes - ATLA. E-mail: maria-carmo.santos@icmbio.gov.br

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 22 de março de 2019; Aceito em: 22 de agosto de 2019; publicado em 01 de 10 de 2019. Copyright© Autor, 2019.

RESUMO O texto objetiva reunir informações sobre a primeira escola municipal de Tamandaré, inaugurada em 1928, para que a história deste extraordinário legado seja divulgada por gerações. Este patrimônio de imensa importância social funcionou por quatro décadas, num período em que quase a totalidade da população era analfabeta. Também contempla uma resumida biografia sobre o engenheiro Millet, já que teve o seu nome escolhido para nominar a primeira grande obra social construída em Tamandaré.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira escola, Engenheiro Millet, Tamandaré.

ABSTRACT: The text aims to gather information about the first municipal school of Tamandaré, inaugurated in 1928, so that the history of this extraordinary legacy be divulged for generations. This patrimony of immense social importance worked for four decades, at a time when almost the entire population was illiterate. It also contemplates a brief biography about the engineer Millet, since it had its name chosen to nominate the first great social work built in Tamandaré.

KEYWORDS: First school. Engineer Millet. Tamandaré.

INTRODUÇÃO

O Brasil foi construindo suas experiências de instrução pública com vistas a oferecer leituras elementares e operações aritméticas básicas, para um pequeno grupo de pessoas. Olhando para a história de Pernambuco, tudo aponta para a importância do papel da educação no fortalecimento das ideias sempre latentes, que poderiam dar início a novas revoltas e revoluções visando autonomia. Se o povo com pouca instrução estava em constante luta contra o jugo colonial, os invasores, as administrações locais, com enfrentamentos sangrentos, então a educação poderia qualificar ainda mais as lutas libertárias (LAGE, 2016; p.3)

Nessa direção, Silva (2007; p.46) afirma que havia “uma política de controle das letras potencialmente subversivas, no Reino e no Ultramar”, razão pela qual a educação missionária era tão adequada, pois suas letras falavam que a submissão levava aos céus, e o pecado ao inferno.

Com a proclamação da República (1889) acendeu uma esperança na população pernambucana, no sentido da educação conquistar a sua devida importância. Três décadas se passaram e a construção de escolas pública ainda era vista por diversas autoridades, como uma ameaça nacional. Assim, a situação de precariedade na formação do professor não foi modificada.

Paulatinamente a população de Tamandaré foi crescendo e iniciava a década de 1920, sem nenhuma escola pública para alfabetizar seus habitantes. A sede do conhecimento básico (contar, ler e escrever) era sempre demonstrada pelos tamandareenses, principalmente aos políticos que visitavam esta praia. Os governos municipal e estadual continuavam a se omitirem, ao não oferecer a estrutura física e demais recursos pedagógicos para a realização deste antigo sonho.

Finalmente chegou o ano de 1927 e com ele, o material necessário para a construção da escola, que foi concluída no ano bissexto de 1928. Segundo estimativas de antigos moradores, Tamandaré era habitada por cerca de 800 pessoas, que sobreviviam principalmente da pesca artesanal, plantio de pequenas lavoura e um pequeno comércio.

Entre as localidades existentes no entorno de Tamandaré, a que sempre se destacou como mais evoluída foi Barreiros, a qual teve sua primeira instituição pública de ensino inaugurada em [1855](#), destinada exclusivamente para crianças e adolescentes do sexo masculino. No distrito de Tamandaré, a escola Engenheiro Millet foi

inaugurada em 01 de setembro de 1928, era mista e tinha apenas uma sala de aula. Na sede do município - na cidade de Rio Formoso, apenas em 23 de maio de 1946 é que foi inaugurado o grupo escolar General Joaquim Silvério Pimentel, misto e com quatro salas de aulas. Pelo exposto, a primeira escola pública de ensino primário (Fundamental) no município de Rio Formoso, foi construída em Tamandaré.

O objetivo deste trabalho foi reunir informações sobre a primeira escola municipal construída em Tamandaré, outrora um patrimônio de imensa importância social. Embora desativada desde a década de 1970, a história deste extraordinário legado deve ser conhecida e transmitida por gerações, por ter contribuído no desenvolvimento desta localidade.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Esta pesquisa teve o aporte metodológico subsidiado através de narrativas transmitidas por estudantes, professores e seus familiares que participaram diretamente em diversas épocas da escola Engenheiro Millet, além, da autora ter testemunhado fatos, in loco, ocorridos por vários anos, os quais foram zelosamente arquivados em sua memória.

A ESCOLA ENGENHEIRO MILLET TAMANDARÉ – A CONSTRUÇÃO DA PRIMEIRA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL

Na praia de Tamandaré funcionava desde 1923, o Patronato Agrícola João Coimbra. Este empreendimento mantido pelo governo federal, por meio do ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, era um internato direcionado aos meninos carentes e abandonados pelas famílias, que tivessem faixa etária entre 05 anos e 12 anos e, que fossem oriundas de estados nordestinos, principalmente de Pernambuco. Este funcionava num rígido sistema de correção, com a aplicação de rigorosos castigos corporais e severas humilhações. Apesar do rigor adotado na educação nacional, as notícias sobre os “castigos” sofridos pelos meninos e o isolamento desta comunidade

escolar em relação ao cotidiano do distrito, não motivaram as famílias residentes em Tamandaré, de matricularem seus filhos no Patronato.

Até a abolição da escravatura (1888), Tamandaré era um local praticamente deserto. A partir daí alguns ex-escravos de engenhos próximos migraram para a praia, passando, juntamente com os raros moradores, a sobreviverem através da pesca artesanal, cultivo de pequenas lavouras, tirando e descascando cocos; também poucos militares serviam no Forte. Mas com a inauguração do Hospital Lazareto de Tamandaré em 1900, o pequeno povoado paulatinamente começou a crescer e, em 17 de maio de 1905, foi elevado à categoria de distrito.

Em 1927, segundo estimativas de antigos moradores, Tamandaré era habitada por cerca de 700 pessoas, sendo que praticamente todos eram analfabetos. Sem escola e sem alternativa para serem alfabetizados, alguns jovens que moravam nesta comunidade, buscavam apoio com as raras pessoas alfabetizadas para lhes ensinar apenas as letras e números. A população jovem estava crescendo, e aumentava a preocupação dos pais, por entenderem que dificilmente seria construída uma escola pública neste distrito.

Nesta época, Estácio de Albuquerque Coimbra (1872 – 1937) tinha uma grande influência em Pernambuco. Nasceu em Barreiros, foi advogado, proprietário de vários engenhos na mata sul pernambucana e da Usina Central Barreiros, também foi um importante político brasileiro: prefeito de Barreiros (1895 – 1902), deputado estadual e federal, presidente do senado, vice-presidente da República (com o presidente Arthur Bernardes) e governador de Pernambuco.

Em Tamandaré, no período em que ele foi vice-presidente da República (1922 – 1926), Estácio Coimbra teve grande influência na construção do Patronato, que recebeu o nome de seu pai João Coimbra. Também merece destaque os esforços de Samuel Hardman Cavalcanti de Albuquerque (médico, primeiro diretor do Lazareto, político e proprietário da fazenda de coqueiros Mamucabinha, em Tamandaré), ocupando neste período a função de secretário da agricultura do estado de Pernambuco. Os dois estavam presentes na inauguração do referido educandário, no dia 05 de novembro de 1924.

Depois da inauguração do Patronato, onde centenas de crianças de lugares longínquos estavam sendo alfabetizadas, ficaram ainda mais constantes as reivindicações para se construir uma escola pública para alfabetizar as crianças e adolescentes de Tamandaré. Nessa ocasião, Estácio Coimbra tinha assumido o governo

de Pernambuco (1927 – 1930), portanto, participou ativamente junto a prefeitura local, para garantir a construção da Escola Municipal Engenheiro Millet.

ESCOLA ENGENHEIRO MILLET – UM SONHO REALIZADO

Depois da família, a escola era o espaço social que estava faltando no convívio das crianças e adolescentes de Tamandaré. Era urgente este aprendizado, para que se preparassem para a vida em sociedade e, com dignidade obterem condições de conquistassem o seu espaço profissional.

Para a construção da escola Engenheiro Millet, foi escolhida uma área que ficasse próxima da maioria dos moradores desta localidade. Na época, a população se concentrava principalmente em Capinas de Tamandaré (que a partir da década de 1990, passaram a chamar de Centro) e uma minoria em Tamandaré (entre a Colônia de Pescadores e a praia das Campas). As escassas residências de Campinas se distribuíam em poucas ruas. O local escolhido foi um terreno na rua 04 de outubro, que depois passou a ser chamada de rua Dr. Samuel Hardman, após o seu falecimento em 1961.

A construção da escola Engenheiro Millet teve início em 1927. Passou a ser um local de constante contemplação, já que a população estava preste a realizar um antigo sonho, o de conseguir um futuro melhor para os seus filhos. A sua inauguração foi no dia 01 de setembro de 1928. Um sábado bastante festivo, que contou com a presença de autoridades, políticos, senhores de engenhos e quase toda a população de Tamandaré, já que a obra foi bastante aguardada pelos praieiros.

A construção era muito simples, tinha uma única sala de aula com área em torno de 200 m², janelas de madeira (lateral e frontal), um pequeno terraço na porta de entrada, o teto não era forrado e era forte o odor provocado pelos morcegos – que às vezes voavam entre os alunos, provocando animadas algazarras; na sala tinha várias carteiras (bancas) de madeira, estantes com material escolar e um quadro preto com giz branco. O sanitário era em uma pequena construção no final do quintal (separado para menino e menina), onde o vaso sanitário era um buraco no chão feito de alvenaria. Na época, o abastecimento de água em Tamandaré era através de cacimbas.

A referida escola municipal atendia meninos e meninas no curso primário (Fundamental I) e, a idade mínima para se matricular era de 07 anos; décadas depois diminuiu para 05 anos. Inicialmente foram matriculadas pessoas de diferentes faixas

etárias e conhecimentos. Como tinham vindo de escolas caseiras e sem seriação do ensino, foi necessário realizar uma avaliação para distribuí-los por série escolar, apesar de só contar com uma única professora que tinha a proeza de ensinar a todos simultaneamente.

A primeira professora foi Abdísia Carvalho Chaves (1909 – 1980), conhecida por Bidú. O seu pai era dono do engenho Machado (Rio Formoso - PE), em cujo casarão ficou hospedado o Imperador Dom Pedro II, sua esposa Tereza Cristina de Bourbon e as princesas Isabel e Leopoldina. A família real pernitoou no dia 12 de dezembro de 1859, para no dia seguinte continuar o percurso da viagem para Tamandaré. Diante da falta de escolas na região, seu pai a matriculou no colégio Santa Gertrudes (Olinda), que tinha o sistema de internato, tendo permanecido até concluir o curso normal (atual magistério), quando completou 18 anos. No ano seguinte casou com Antônio Chaves, também nascido em Rio Formoso, e vieram residir em Tamandaré, já que o governo municipal a convocou para a escola Engenheiro Millet, onde ensinou até 1965, quando se aposentou.

Inicialmente a escola contou com apenas uma professora, mas com o passar do tempo a população foi aumentando e as aulas passaram a ocorrer em outros turnos, portanto, outras professoras foram convocadas, iniciando por Adriana Lima de Oliveira (1940 a 1945). Posteriormente outras pessoas abraçaram esta nobre missão, entre elas: Euníce Ferreira de Miranda, Maria Ferreira de Miranda, Adelina Ferreira de Miranda, Josefa Carvalho Pereira de Assis, Amara Zuleida de Lima, Maria do Carmo de Lima (Baiu), entre outras. Não existia o cargo de diretora nem de secretária, mas o inspetor de ensino era de fundamental importância, com destaque para o período que Vítor Padilha assumiu esta função.

Vale registrar a dedicação, por décadas, de Antônio Elias de Lima (Antônio Veludo) que ensinava na escola Engenheiro Millet e de forma particular em sua residência, quando atendia várias séries. Ele era reconhecido pela comunidade local por ser um professor altamente competente na preparação para o exame de admissão ao ginásio, mesmo quando o ginásio não existia em Tamandaré, mas os estudantes tentavam fazer este curso em outras localidades.

O exame de admissão ao ginásio ocorreu entre as décadas de 1950-70. A primeira prova era de português (interpretação de texto, gramática, redação e ditado com nível de dificuldade elevado); era excludente se a nota fosse inferior a 5 (sendo 10 a nota máxima). Os aprovados faziam mais duas provas, estas não excludentes:

matemática e conhecimentos gerais (história, geografia, educação moral e cívica). Os estudantes podiam se submeter ao exame quando concluíam a 4ª série, caso aprovados, seriam matriculados no ginásio. Se não fossem aprovados, estudavam a série nominada de admissão ou 5ª série, durante um ano. Até 1968, quando em Tamandaré não existia o ginásio e as pessoas não podiam estudar em outras localidades, era comum estudarem o admissão como uma série normal, como complemento do primário.

Na escola Engenheiro Millet os alunos não usavam farda. O ensino era rigoroso, especialmente as disciplinas de português e matemática, nesta última era mais intensa a participação da palmatória e outros castigos, principalmente se errasse na arguição da tabuada.

Nas primeiras décadas não foi oferecida merenda – levava o lanche de casa, o que ocorreu apenas na década de 1960, através do Programa Aliança para o Progresso - de assistência ao desenvolvimento socioeconômico da América Latina. Para esta escola, por diversas vezes, chegou leite em pó oriundo dos Estados Unidos, porém, ao ser diluído era pouco aceito pelos alunos, por alegarem um gosto desagradável. Maria Otília e França foram duas senhoras de grande importância para o funcionamento desta escola, respectivamente, merendeira e zeladora.

A rua onde foi construída a escola Engenheiro Millet era passagem obrigatória dos meninos do Patronato Agrícola João Coimbra. Diariamente passavam em cima da carroceria de caminhão e trator, com destino a Fazenda de Saltinho (atual Reserva Biológica de Saltinho), onde tinham aula prática de agricultura e, cuja produção era por eles consumida ou vendida. Nesse momento a paisagem era conflitante, meninos e meninas felizes e correndo livremente em direção à escola Engenheiro Millet; enquanto meninos imóveis (para não serem punidos pelo funcionário que os acompanhavam segurando uma tabica) passavam sentados, com semblantes que testemunhava a tristeza de raramente terem contato familiar, além, do rigor dos castigos recebidos e, terem que trabalhar igual aos adultos.

Durante 21 anos, a mencionada escola foi a única desta localidade; apenas em 1949 inauguraram a Escola Rural de Tamandaré (atual EREM), que tinha apenas uma sala de aula no seu lado esquerdo e a direita era residência da única professora, na parte intermediária existia uma área coberta. Por décadas, tinha apenas o curso primário.

A escola Engenheiro Millet foi desativada quando as suas atividades foram transferidas para a escola Almirante Tamandaré, após a sua inauguração e ocupação com o curso primário em 1967. No ano seguinte iniciou o curso ginasial, após uma

rigorosa seleção dos estudantes que se submeteram ao teste de admissão ao ginásio. Nesta época, a população de Tamandaré já era estimada em 2.500 habitantes.

A edificação continua existindo, porém, a partir de 1970, foi cedida pela gestão municipal para ser ocupada por diferentes atividades, porém, desde 2006 o espaço é utilizado para aulas de corte e costura, ofício de grande importância para as famílias desta localidade.

ENGENHEIRO HENRI AUGUSTE MILLET

Quem foi o engenheiro Millet, para merecer a perpetuação do seu nome ao ser homenageado na primeira escola primária do pequeno distrito de Tamandaré?

Apesar da Independência do Brasil em 1822, pouco se fez pela modernização de Pernambuco, que continuava enfraquecido pelas divergências político-partidárias estaduais.

Ao assumir a presidência desta Província, Francisco do Rego Barros (futuro Conde da Boa Vista), membro de uma das famílias mais poderosa e rica de Pernambuco, se dedicou na modernização de obras públicas (PERIOTTO, 2012; p. 142). Baseado nos ideais de progresso e civilização, trouxe engenheiros, arquitetos e técnicos franceses, com intuito de modernizar a estruturação arquitetônica e realizar grandes obras de infra-estruturas, principalmente com relação ao abastecimento de água, sanear os alagados e as águas estagnadas que contribuíam com epidemias catastróficas em Recife e Olinda, além, de abertura de estradas no interior.

O grupo chegou ao Recife em 1840, chefiada pelo engenheiro Louis Léger Vauthier (25 anos). Entre os companheiros, veio o [engenheiro francês](#) Henri Auguste Millet (20 anos). Estes peritos trabalhavam em grandes obras, inclusive na construção do teatro Santa Isabel e do Mercado São José (Recife). Em 1846, Vauthier retorna para Paris depois de muitas obras concluídas, porém, Millet permaneceu em Recife.

Millet casou com Maria Carmelita de Albuquerque, filha do Conde da Boa Vista. Seu nome foi aportuguesado para Henrique Augusto Millet. Rapidamente foi reconhecido como um homem inteligente e de imenso conhecimento em estrada férrea, tendo participado em inúmeras construções pernambucanas. Na agricultura também se destacou, tendo sido proprietário do engenho Santo Estevão, no Cabo de Santo Agostinho, e contribuiu para o desenvolvimento do setor em diversos momentos.

Joaquim Nabuco (1849-1910), pernambucano que se destacou contra a escravidão brasileira, sempre citava alguns escritores, entre eles, Henrique Augusto Millet, que defendia a modernização do sistema produtivo e uma nação com a abolição da escravatura, reforma social e ampliação da cidadania (FERNANDES, 2012; p. 96).

Foi condecorado cavaleiro da ordem da Rosa – uma honraria imperial concedida por Dom Pedro II. Publicou vários trabalhos e textos em livros e artigos em jornais, tendo sido um colaborador ativo da imprensa jornalística do Recife. Sempre foi extremamente enaltecido por seus méritos científicos e na agricultura pernambucana. Teve posição de vanguarda na política, e em várias ocasiões representou a Província de Pernambuco, na Assembleia local e o Estado no Congresso Constituinte.

O engenheiro Millet teve grande participação na história de Tamandaré, onde a sua presença era constante, principalmente entre as décadas de 1850 – 60, quando nesta região participou da construção de várias ferrovias, inclusive a que ligava a usina Una (Barreiros – PE) a Tamandaré. Também fez parte da equipe técnica da importante estrada de ferro Recife ao rio São Francisco, entre outras.

Nessa época, Tamandaré era uma praia quase desabitada, mesmo assim, ele ocupou um imóvel e manteve uma boa convivência com a população local e da redondeza. Para não se distanciar das suas escritas e objetivando diminuir a crise social que dominava a região e informar aos cidadãos sobre seus direitos garantidos na constituição, além de transmitir notícias locais, do império e do mundo, trouxe uma prensa e montou em Tamandaré uma simples tipografia. Assim sendo, fundou o *Jornal Independente*, em 07 de setembro de 1859. Este foi pioneiro inclusive na região. Possuía quatro páginas, num formato 31 cm de comprimento por 22 cm de largura e, a distribuição semanal era nas cidades e vilas do Recife, Rio Formoso, Sirinhaém, Barreiros e Água Preta (NASCIMENTO, 1968; p.25).

Neste mesmo ano, no dia 13 de dezembro, o engenheiro Millet estava entre as inúmeras autoridades que se encontravam no Forte de Tamandaré para receber o Imperador Dom Pedro II. Nessa ocasião o vice-almirante Joaquim Marques Lisboa, organizou a retirada dos ossos do seu irmão Manuel Marques Lisboa, morto em 1824 durante a Confederação do Equador, quando atuou como comandante da tropa que se concentrou no Forte de Tamandaré.

Quando retornou ao Rio de Janeiro, Dom Pedro II recordando a linda praia pernambucana onde foi tão bem recebido e, a cena comovedora vivida pelo vice-almirante Lisboa, durante a retirada e traslado dos ossos do irmão para o jazido da

família, resolveu lhe dar o título de Barão de Tamandaré (14 de março de 1860), que alcançou por último o grau de Marquês, em sucessivas promoções dentro da nobreza brasileira. O nome Tamandaré teve uma aceitação tão grande, que Joaquim Marques Lisboa ao ser promovido a almirante (09 de janeiro de 1867), passou a ser nacionalmente chamado Almirante Tamandaré. Este fato deixa bastante claro que foi a praia de Tamandaré que cedeu o seu nome ao nobre patrono da Marinha do Brasil; não o inverso, como erroneamente algumas pessoas divulgam.

Depois deste histórico evento com a presença de um Imperador em Tamandaré, se passaram 34 anos e Millet continuava um grande empreendedor, um engenheiro altamente competente e admirado nacionalmente. Às 14 h do dia 22 de setembro de 1894, ele estava no centro do Recife, próximo da ferrovia de acesso a Olinda e Beberibe, quando foi atravessar a rua Princesa Isabel, uma locomotiva que fazia uma movimentação para engatar no trem daquela hora, apanhou-o e esmagou-o, vindo a falecer meia hora depois. O velório foi em Recife, na igreja Matriz da Boa Vista (ENGENHEIRO MILLET, 1894).

O engenheiro Millet faleceu aos 74 anos, em cima de linhas férreas as quais em quase todo o estado, ele ajudou a construir; mas deixou um imenso legado edificado nesses 54 anos que viveu em solo pernambucano. Especialmente em Tamandaré e na área rural em seu entorno, onde beneficiou os habitantes que viviam em extrema pobreza, além, de ter escolhido esta praia para ser pioneiro na região, na publicação de um jornal - *O Independente*. Por toda a sua dedicação, o seu nome ter sido escolhido para nominar a primeira escola pública construída nesta localidade, foi uma justa homenagem e um reconhecimento de suas virtudes favoráveis ao desenvolvimento de Pernambuco.

CONCLUSÕES

Pernambuco sempre esteve na vanguarda, em busca de seus ideais de liberdade e de abolição de instituições autoritárias. Assim sendo, os governos anti-educacionais evitavam a valorização da educação, por entenderem que o povo podia ficar mais ousado em busca da sua autonomia.

Já estava no final da segunda década do século XX e a quase totalidade dos 500 habitantes de Tamandaré continuavam analfabetos. Até que foi concluída a primeira

escola no dia 01 de setembro de 1928, nominada de Engenheiro Millet, pelos relevantes serviços que prestou para Pernambuco e, especialmente Tamandaré.

Por meio dessa escola, a população recebeu instruções consideráveis que a preparou para o resto da vida, especialmente para sua formação profissional. A partir daí, alguns jovens foram encorajados a migrarem para centros mais evoluídos, e continuar seus estudos. Assim, paulatinamente Tamandaré foi evoluindo, mas sem esquecer que eternamente a sua escola-mãe é a Engenheiro Millet.

REFERÊNCIAS

1. ENGENHEIRO MILLET. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 217, Secção Revista Diária, p. 2, 23 de setembro de 1894.
2. FERNANDES, N. **Eufrásia e Nabuco**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2012.
3. LAGE, A. C. Apontamentos históricos sobre a educação na Capitânia e na Província de Pernambuco. In: III Congresso Nacional de Educação, 2016, Natal. **Anais...** Natal: 2016, p.1-5.
4. NASCIMENTO, L. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954): municípios das letras “Q” A “V”**. Recife, v. 14, 1968.
5. PERIOTTO, M. R. Franceses no Brasil: as ideias do século XIX, hábitos e costumes na Província de Pernambuco (1840-1850). **Revista Teoria e Prática da Educação**, Recife, v. 15, n. 1, p. 137-146, jan./abr, 2012.
6. SILVA, A. M. P. **Processos de construção das práticas de escolarização em Pernambuco entre fins do Século XVIII e primeira metade do Século XIX**. 1 ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.